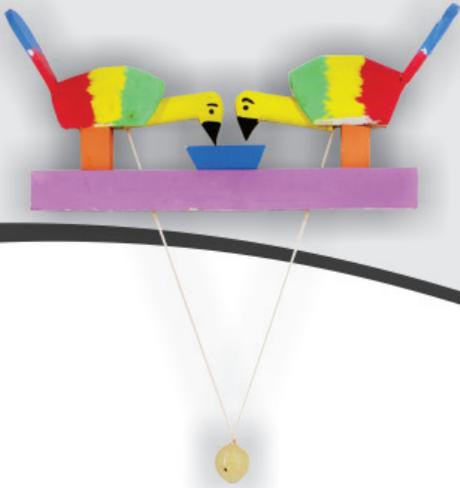


## MEMÓRIA, IMAGEM E ORALIDADE:

### EVOCAÇÃO DE DADÁ

*Memory, Image and Orality: Evoking Dadá*

Jerusa Pires Ferreira\*



#### RESUMO

Nesta fala discorro sobre a construção da memória como fundamento da cultura e os corpos dos personagens como um lugar onde se processam e atualizam complexas relações de passado e presente. Trata-se mais exatamente de uma possível memória do Sertão, pelas mediações da letra e de imagens filmicas, o que nos transmite personagens em história, depoimentos, poética e ficção que passam por ações gravadas, livro e filme. Tal percurso se efetiva a partir do depoimento de uma extraordinária mulher, Sérgia da Silva Chagas, Dadá, mulher e personagem da saga do Cangaço brasileiro, o grande amor de Corisco. No livro de Dadá... misturam-se, pelo impresso, a voz da mulher personagem e de seu transcriador, o cineasta José Umberto.

Palavras-chave: Memória. Cultura. Narrativa. Dadá.

#### ABSTRACT

*In this speech I talk about the construction of memory as the foundation of culture and bodies of the characters as a place where complex relations between past and future are processed and updated. It is more accurately a possible memory of Sertão, by means of letters and film images, which shows us characters in story, testimonies, poetry and fiction that pass through actions recorded, both in book and movie. This route happens considering the testimony of an extraordinary woman, Sérgia Chagas da Silva, Dadá, woman and character of the Brazilian saga Cangaço, the great love of Corisco. In the book of Dada... are mixed, by the printed, the voice of the woman- the character- and of his transcriator, the filmmaker José Umberto.*

*Key-words: Memory. Culture. Narrative. Dadá.*

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e do CJE/ECA-USP. Coordenadora do Centro de Estudos da Oralidade do COS/PUC-SP.

O tema pressupõe observar a construção da memória como fundamento da cultura e os corpos dos personagens como um lugar onde se processam e atualizam complexas relações de passado e presente. Contando com as mais diversas mediações, observando a tradição e a transmissão em curso, estaremos seguindo a memória em seus movimentos.

Aí pulsões do dizer, do transformar em signos certos princípios vitais, o desempenho em presença, a organização dramática que se faz um processo, os fragmentos da voz viva que nos falam de condições específicas de tempo/espaço, ambientes, de uma recepção integradora, e nos levam ao reconhecimento de repertórios.

Ao tratar da cidade, dos corpos em trânsito ou em assentamento, contempla-se certa memória trazida, a partir de uma organização de vida e de conhecimentos, em busca de atualização.

História Oral e Poéticas do Oral se tocam, se completam mas não são a mesma coisa. E aqui procuraremos colocar ênfase nos procedimentos poéticos que se concentram numa história vivida e representada.

Depois de estabelecer princípios e referências teóricas que situam Memória, Oralidade e Performance, a partir de um longo percurso e experiência de pesquisa, serão abordados temas e um estudo de caso, que tem como centro o Sertão extenso e migrante.

Trata-se então de uma possível memória do Sertão, pelas mediações da letra e de imagens fílmicas, o que nos transmite personagens em história, depoimentos, poética e ficção que passam por ações gravadas, livro e filme.

Assim será mostrado e comentado o depoimento de uma extraordinária mulher, Sérgia da Silva Chagas, Dadá, um nome imponente convenhamos. Mulher e personagem da saga do Cangaço brasileiro, o grande amor de Corisco.

No livro de Dadá..... misturam-se, pelo impresso, a voz da mulher personagem e de seu transcriador, José Umberto. E assim, em certo momento, ela diz: “Mas o destino quis que ele dobrasse o meu caminho, destino de cangaceiro é a morte, mas a vida é de muita delonga e andar, andar sempre, até que ela, encruzilhada do desconhecido...

A mulher personagem é mais capaz do que ninguém para atuar na desmistificação de alguns de seus parceiros, inclusive de Lampião. Com uma poderosa sensibilidade, consegue realizar a crítica inteligente e aguda aos trabalhos daqueles que procuraram retratá-la ou criar, a partir dela, estereótipos. Sobrevivente audaz, ela própria fala de sua bravura, de seu papel, recuperando os traços de um amor indescritível nos bastidores de um grupo que a tinha enquanto musa e agente. Costureira, bordadeira, criadora dos figurinos, sobrevivia das bolsas que aprendeu a fazer no Cangaço.

Abro um parêntese para dizer que a presença do Sertão não me parece despropositada neste encontro de estudos sobre a Amazônia, pela própria ocupação inicial destes territórios, a paisagem natural confirmada pela presença jesuítica, as levas migratórias, o grande êxodo nordestino rumo à borracha. Fui levada a mostrar no meu livro *Cavalaria em Cordel* (1979), que enfoca vocabulários, tópicos e situações medievais sertanejo, a riqueza da conservação e espraio desses temas e linguagens.

Algumas propostas devem aparecer na sequência desta fala, como aquela que tantas vezes foi por mim formulada oralmente, e em tom sério mas de brincadeira: “Os secos e os molhados”, o Sertão e a Amazônia, num possível e futuro trabalho, que procure dar conta de certa unidade deste nosso país e das amazônias da América Latina, em suas poéticas específicas.

Passando num momento dado, a ver o filme de Zé Umberto, parece oportuno que sejam lidos alguns trechos do livro de Dadá:

Dadá: Nesse momento, nós fizemos amor, aceso, pra gostar mesmo, antes de namorarmos, nós não fizemos isto. Primeira vez que eu vi Corisco foi lá na casa da minha madrinha, quando cheguei, no entrar da porta, antes de eu entrar, encontrei uma pessoa, e eu falei: “ô seu Suarana, o que o senhor tá fazendo por aqui? Eu vim ver a minha madrinha, que é um arvoredor” aí eu achei aquilo muito estranho, e ele mais ainda muito estranho, com aquela equipamento que eu nunca conheci, então eu entrei na porta, na sala e eu avistei um homem louro, assentado na rede, com cabelos por aqui assim (pelos ombros), bem vermelho mesmo. Então, eu estranhei e voltei, aí ele disse: “venha cá menina, você

tá com medo? Quem morre de medo de quem tá vivo?” Mas nunca mais eu voltei aqui, nunca mais eu voltei, então quando foi à noite, ele apareceu lá em casa, para dar comida ao cachorro, aí ele esteve conversando um pouco com meu pai, e depois foi embora.

Então, surgiu uma história de uma família daqui, desse lado daqui, e de uma outra família de lá, que tem um criatório, onde a história se passa nesse criatório, aí a polícia prendeu ele, bateu nele, bateu muito, estragou com ele. Então, eles tomaram um porrete, pois acredito que tenha sido o meu pai a delatar ele, onde “esse fulano é conhecido como Corisco”, aí mandaram o meu pai ver ele me carregar, que a vingança do meu pai, era ver carregando a mim, é porque era sinal que ele queria muito bem.

Aí queria ver ele me carregando, ele me carregou, me pôs na costa de um burro, aí um rapaz foi comigo nessa viagem e ele teria ficado discutindo com meu pai. Aí nós viajamos pra casa de uns parentes dele, aí chegamos lá, ficamos numas casas que tinham em uma roça. Com isso, eu ficava num canto, ele me levava pra todo canto, enquanto o verão não chegava, aí continuei com ele andando pra tudo que era lado, tanto que eu não era (?) mais ninguém.

Ele era uma pessoa muito educada, ele puxou, eu não sei, ele era um pai pra mim, ele era um professor para mim. Ele era assim, um pai, um marido, um professor pra mim, pois foi com ele que eu aprendi a fazer carteira, aprendi a ler, pois quando alguma coisa rasgava, eu tinha que consertar, pois não adiantava querer rasgar porque não daria, eu tinha que querer arrumar. Eu nunca me arrependi de nada que eu tenha feito para aborrecê-lo e a solidão, toda aquela delicadeza, toda aquela pessoa, nunca irei compreender como aconteceu uma coisa daquelas, até a hora em que nos separamos. Eu gostava muito de Corisco, eu tinha um amor verdadeiro por ele, eu tive que assinar a comanda por ele, depois que ele ficou sem os dois braços, onde não tinha nenhum conserto por causa das balas. As mãos dele ficaram secas, eu é que tive que tomar conta da arma dele. Eu passei quase um ano nessa peleja, pois eu sabia o que ele seguia, tudo. Ele tinha um amor assim como eu tinha por ele.

Tinha um acampamento que tava todo mundo acampado, era ótimo. Cada um que estava ali tinha uma

habilidade, uns cantavam, outros costuravam, luta dos homens que eram mais afamados, que tinha mais peito pra lutar, que eram mais afamados pra lutar mesmo, tinha o cachorro mais valente que qualquer coisa, eles pegavam e batiam. Costura, cada um inventava uma coisa. Eu, por exemplo, inventei aquele bernal de flores que era bordado, que eu inventei quando eu estava no coito, eu estava sem fazer nada, eu recortei um papelão e fiz aquilo, daí eu fiz um jogo de bernal para Corisco. Então, quando Lampião chegou de um tiroteio lá onde eles estavam, eles vieram pra onde estava Corisco, ele queria que eu fizesse o bernal; ele recortou um pedaço de pele, e daí eu fiz o bernal dele, daí disseram: “tá vendo como ele é sabido, recortou um pedaço de pele que ele já tinha para ganhar outro”, e ele ficou rindo e depois ficou elogiando Lampião. Depois fui obrigada a fazer pra todo mundo o bernal, eu cozinhava a comida, eu fazia a comida, na panela de comer, aí depois pedi pra todo mundo, quer dizer, os chefes, que catava um pedaço de gente, pra organizar, pra poder dividir a comida. Cada qual com o seu prato. Aí quando não tinha sal, ninguém tinha coragem de dizer que não tinha sal, teria que ser desse jeito mesmo, já que o chefe não queria que reclamasse. Foi a maior união que eu já vi na vida. Hoje em dia é tudo diferente, como foi ruim pra mim me acostumar, da vida que eu tinha para a vida que eu fiquei.

Cada um ficava com a sua torna, armavam a sua torna e aí cada casal ficava pra cada lado e os rapazes solteiros, tinham o acampamento deles, não tinha por que se esconder, porque cada vez que a gente se escondia, achavam ruim, aí nós era descoberto. Fomos descobertos umas três vezes, aí botavam mamão de viado, era como um pé de mamoeiro, sabe? Agora quando descobria o abacate, era uma coisa linda, porque a água que dava ali dava pra lavar muita roupa, mas eu não podia beber, porque se bebesse poderia ficar quente, e se ficasse quente, tinha que esconder. Quando escurecia, tinha que deixar um tanque de água bem ali, para poder ver a água. Quando escurecia, todos iam ali na moca, pra lavar a roupa, a gente botava uma bala nas coberta e aí dormia. Quando era pela manhã, todo mundo estava em ordem.

Bom, mulheres foram muitas, agora não estou me lembrando de todas muito bem. Amigas, moças de ce-

leiro, neném de respeito, Leonilda, mulher de Azulão; eram muitas crianças mesmo, Caterina, ficou como companheira de Gita, Rita, Maria de ferrugem, de mormaço, Maria de Lampião, Otila de Mariano, mais a Eleonora, Michele Serra Branca, a Cristina de Portuvês, a Lili, que foi mexer ali nas escadinhas, aí que um boi a matou, deu um tiro na cabeça e pronto. Na opinião dos grupos, muitos não queriam que as mulheres que ficassem ao marido, fossem embora, porque descobriam o ambiente, era oito ou oiteiro, muitos tinham a opinião era de matar.

Bom, o tratamento que nós tínhamos no grupo, de seus companheiros, de seus maridos, era ótimo, pois mulheres pra eles, era pra se vestir, pra luxar, era importante o carinho deles, pra fazer a comida, mas era tudo no seu devido respeito, cada um respeitava a mulher de seu companheiro, de seu patrão, era ótimo. Costuravam, luxavam da melhor forma possível, cada um cavava da melhor forma possível, de varrer, de como eles tratavam, cada um queria ser melhor que a outra, depois do terceiro, é que foi cortando. Quando foi um dia, que teve um tiroteio do Rosa Catarina, nem poderia mais as mulheres terem o luxo que tinham, aí Lampião disse assim: “acabou o luxo de mulher por aqui, quem tiver que viver com seu marido, que acompanhe, quem não quiser aguentar, quem não quiser acompanhar, que volte pra casa de seus pais, porque a coisa engrossou, já que na hora do aperto e na hora do tiroteio, não é todo mundo que aguenta”.

Era um amigo, um chefe, um pai, era uma coisa assim, que a fala dele valia por tudo ali, o grupo todo respeitava ele como chefe, nisso acreditavam, acreditavam e viam como era, todo mundo gostava muito dele e viam como era um grande chefe. Toda a desgraça do mundo ficava com a polícia, matar, roubar, queimar, tudo ficava pra eles, nós éramos uma família de gente grande, eles devoravam tudo, desde o poço ao criatório, terras, tudo levaram desse cenário, essa era a injustiça.

Armas, acontecia de usar-se. A rapaziada usava rifle, fuzil brasileiro que eles chamavam no grupo, o chefe era mosquetão e as moças, muitas carregavam uma pistolinha de brincadeira, eu era a única, eu carregava um revólver 38 coltre cavalinho, uma cartucheira e umas balas que eu carregava em uma panelinha.

As caixas de balas eu gastava muito, por alto, eu tinha um mosquetinho que eu andava por aí, escondida pelo meio dos matos aí, que era uma bonequinha. O cabellino que era feito com pano de prato, e tinha umas partes que tinha uns pedaços feito com ouro, que era por enfeite, que eu não iria tentar curar ninguém. Agora a arma é que eu desisti, os cartuchos eu carregava umas 400 balas, eu carregava em cada bernal alguns cartuchos, as cartucheiras eu usava duas cartucheiras, sendo mais três que eu tinha era de rifle e algumas outras de arma curta. Político costurava muito, Lampião era bom na máquina, todos trabalhavam, só que alguns também pregavam botões, fazer bordados, fazer este tipo de trabalho, eram os tecos que faziam, os chefes que pediam pra fazer isso.

Por exemplo, roupa de homem comprava tecido pra ver, mas era tempo perdido, pois mal era feito, logo ficava perdido ou era roubado, pois quando ficava no meio do gosto, as moças vinham e tomavam tudo. Ah, mas nós sofria muito, de gravidez, de persiga, sem ter sossego nenhum, quando era pra ter um pouco de sossego, quando era ataque de dor, era ataque de fígado, tinha que sair pra ter o menino, sair correndo, sair correndo como o meu que se deu, sair com ele passado o que, uns nove dias, dez dias, já que quando eu via as pessoas certas, eu enviava meus filhos pra eles. Se eu via uma pessoa, eu deixava numa roça, numa porta de uma casa, mas os meus filhos sempre eu tive que entregar eles pra outras pessoas cuidarem deles. Tive sete, morreram quatro e os três, que são: Sérgio, Maria do Carmo e Maria Celeste.

E uma outra parte dessa documentação são as fotografias originais de Corisco, (não montadas), de Benjamin Abraão, e a transcrição da fala da Dadá, a partir da oralidade viva. Portanto, trata-se de várias mediações, no caso, pela imagem fílmica, fotográfica e pela transcrição e arranjo criador de depoimentos. Este livro, como eu já disse, tem trechos magníficos da linguagem que pertencem a esse repertório, que é a construção épica e realista de um mundo sertanejo.

O filme é, a meu ver, de uma grande honestidade, porque não traz nenhum processo de mistificação ou de colocar a personagem estilizada. Quando ela descreve “meus punhaizinhos lindos, todos lindinhos, todos

cheios de aliancinhas”, isso é uma forma muito feminina desta construção da roupa, do punhal mesmo, arma e joia, a que os homens aderem; é uma comunidade que tem regulamentos, suas formas de pensar, ver, de uma ética especial. Quando a Força levava tudo, eles ficavam restritos ao mundo que haviam estabelecido, nos limites daquela precariedade.

Ela se refere ao Raso da Catarina, aos espaços da construção sertaneja da Guerra de Canudos. Em relação à Dadá, constata-se o seu modo muito especial de falar, recriando os ditos tradicionais, os provérbios, as formas de dizer, os fragmentos da voz viva, a inteireza do seu tempo-espaço, sua recepção integradora.

Ela voltaria a se casar com um alfaiate, e já com as dificuldades no cotidiano, sem a perna. Como era costureira, conseguiria uma receita para ajudar na sobrevivência<sup>4</sup>.

E passa a viver a sua vida obscura, recuperando traços pela narrativa de um protagonismo da mulher que tinha vivido a glória de ser, segundo ela, os braços e o amor de Corisco. E de ele ser o seu amor, um amor que não tinha tamanho.

No filme de José Umberto<sup>5</sup>, muito difícil de encontrar, passamos a saber que Dadá faleceu na década de 1980.

Acho muito bonito quando o cineasta coloca com tanta dignidade, sem folclorizar, sem fazer pieguices, a cena em que ela anda com uma perna só, com as muletas. Quer dizer, ela não teve direito a próteses, a coisas mais modernas, passando a viver naquela periferia de Salvador, mantendo-se pelo seu trabalho de costura.

Para ela, aquele momento narrativo deve-se à vivificação de uma glória maior do que tudo, do que a vida, do que o mundo, do que os homens.

---

<sup>4</sup> Um dia, José Calasans, historiador bahiano, nos falou da presença de mulheres cangaceiras. Procurou trazê-las para dar depoimentos em nosso curso de Mestrado. Reuniu seus relatos e compreendendo a precariedade em que viviam, chamou-os de Quase- Biografias.

---

<sup>5</sup> Cf. A Musa do Cangaço, Bahia, 1981. Curta-metragem do cineasta Zé Umberto.

